

## Vicente de Saragoça, diácono e mártir, 22 de Janeiro

Lat.: Vincentius Levita Caesaraugustanus. It.: Vincenzo, Vincenzio Diacono di Saragozza. Fr.: Vincent de Saragosse ou de Valence. Ingl.: Vicent. Al.: Vincenz Levita, Vincentius von Saragossa, von Valencia. Pt.: S. Vicente, diácono

### LEGENDA

Diácono aragonês, nascido em Saragoça, talvez martirizado em Valência, no ano 304, durante a perseguição de Diocleciano.

O ilustríssimo mártir S. Vicente nasceu na cidade de Huesca e criou-se na cidade de Saragoça, no reino de Aragão. O seu Pai chamava-se Henrique e sua mãe Enola. Desde pequeno, sentiu-se inclinado para as obras de piedade e vida virtuosa. Dedicou-se aos estudos e foi ordenado diácono por S. Valério, bispo de Saragoça. Sendo velho e impedido pela língua, encarregou S. Vicente do ministério da pregação.

Nesse tempo, eram imperadores Diocleciano e Maximiano, tiranos cruéis e ferozes inimigos de Cristo que nunca se sentiam saciados de sangue de cristãos. Deste modo, julgavam sentir a gratidão dos seus falsos deuses e estabelecer com este seu favor o seu domínio. Enviaram para Espanha Daciano, como Presidente e ministro da sua impiedade, cego pela superstição dos deuses e tão bravo em ferocidade, como eles. Chegando a Saragoça, este monstro fez grandes estragos na Igreja de Deus e atormentou e mandou matar muitos cristãos. Mandou prender, entre outros, S. Valério, bispo e S. Vicente, diácono, pois que eram os dois que lhe podiam resistir e em quem todos os cristãos tinham postos os seus olhos, no seu exemplo e na sua fortaleza. Mas querendo o Presidente tratar deles, com mais prudência, obrigou-os a ir à cidade de Valência, a pé e acorrentados em correntes de ferros. Eles foram, em extrema pobreza e maus tratos, dos ministros que, com tanta crueldade, visavam obter merecimento dos seus chefes. Chegando a Valência, foram lançados em cárcere escuro, sórdido e humilhante, onde estiveram muitos dias violentados pela fome e pela sede, com grilhetas e em antros, mas muito consolados pelo Senhor, porque padeciam por seu amor. O Presidente esperava que, com tempo e maus tratos, abrandaria aqueles corações vigorados, mas o que aconteceu foi o contrário. Quanto mais eram afligidos, muito mais se revigoravam. E, com o fogo da tribulação, resplandecia mais o ouro da sua caridade e os seus frágeis corpos de carne tiravam força dos castigos.

Daciano ordenou que os trouxessem, diante de si. Vendo-os são, robustos e alegres, e julgando que com a fome, sede e trabalhos forçados, estariam mirrados, empalidecidos e acabados, aborreceu-se muito com o carcereiro, suspeitando que os teria favorecido. E disse-lhe: *Foi isto o que te ordenei? Como é possível que saíam fortes e luzidios, os inimigos do nosso império?* E, voltando-se para os santos mártires, disse: *que me contas, Valério? Queres obedecer aos imperadores e adorar os seus deuses?* E, como o santo respondesse com mansidão e tranquilo e, por impedimento da língua, não entendessem bem a resposta, tomando a mão de S. Vicente, o qual, com inteligência e fervor disse a Valério: *Que é isto meu Pai? Porque falas entre dentes, como se este cão te aterrorizasse? Levanta a voz para que todos te ouçam e despedaces a cabeça desta serpente infernal. E, se por tua idade avançada e fraqueza não podes, dá-me então licença que eu responderei.* Com a devida licença, respondeu a Daciano. *Esses teus deuses, Daciano, guarda-os para ti. Oferece-lhes incenso, sacrifício de animais e adora-os como o fazem os que defendem o vosso império que, nós, cristãos sabemos que são feitos por mãos humanas que não sentem, nem se podem mover, nem ouvir quem os invoca. Nós conhecemos o Supremo artífice que criou o céu e a terra, por sua vontade própria e com a sua singular providência dirige e governa esta máquina do mundo. A este Senhor e só a ele temos por Deus e adoramos e reverenciamos o seu bendito Filho Jesus Cristo, que revestido com a nossa carne humana, morreu por nós na cruz e para lhe pagar (do modo que podemos) aquele infinito amor, com o nosso amor e aquela morte, com a nossa morte, desejamos padecer muitos tormentos e derramar o sangue e dar a vida pela Fé santíssima, n'Ele.*

A sua Paixão, foi popularizada por Santo Agostinho e pelo seu compatriota e poeta espanhol Prudêncio que lhe dá um tratamento retórico, na linha dos tópicos hagiográficos.

De acordo com o seu panegirista Prudêncio, São Vicente de Saragoça tinha tanta sede de martírio que ele próprio se lançou sobre o leito de ferro incandescente. Mas o seu corpo não assou. De acordo com santo Agostinho, parece que as chamas, em vez de o queimarem, endureciam, como se fora uma massa de argila, convertendo-se em ladrilho refractário.

Com estas palavras os cristãos aí presentes sentiram-se muito apoiados e o Presidente uma grande indignação. Mandou que o santo bispo fosse desterrado e que S. Vicente cruelmente atormentado. Determinando que os carrascos o desnudassem, suspenderam-no no alto de um madeiro, esticam-lhe os pés com cordas e desconjuntam os seus membros. Nesse momento preciso, Daciano dizia-lhe: *Não vês, coitado, como o teu corpo está despedaçado?* E o valoroso mártir, com semblante alegre e risonho, respondia: *Isto foi o que desejei sempre. Acredita Daciano que ninguém me poderia conceder tão grande benefício como tu, embora sem vontade de o fazer. Maior tormento padeces tu, ao ver que nenhum dos teus tormentos, como o que eu padeço, não me pode vencer. Por isso, só te peço que não te amances, nem diminuas um ponto ao arco que, contra mim tens apontado, pois que quanto maiores forem as tuas setas, muito mais gloriosa será a minha coroa e, cumprirei melhor com o desejo que possuo de morrer por aquele Senhor que, por mim, morreu na cruz.* Com estas palavras, o feroz tirano ficou fora de si e, espumando pela boca e, dando bramidos como um leão, arrancou, das mãos dos verdugos, os chicotes sangrentos, e começou a dar com eles, não no santo mártir, mas nos verdugos, chamando-lhes fracos, mulheres e galinhas. Então S. Vicente, olhando Daciano, brandamente, disse-lhe: *Muito te devo, Daciano, pois fazes o favor de seres meu amigo e me defendes, pois que feres àqueles que me ferem, acoitas aos que me açoitam e maltratas os que me maltratam.* Tudo isto era para deitar azeite no fogo e acender mais o ânimo do tirano, por ver que defraudava os seus tormentos. Padecendo na carne os tormentos, falava com o seu espírito. E com o que o espírito falava, a impiedade do tirano ficava convencida e o mártir recuperava forças.

Mandou aos verdugos que continuassem os tormentos e com garfos e unhas de ferro rasgassem o corpo santo e fizeram-no com estranho furor. Mas o santo, como se não fosse de carne, não sentia dores, mas escarnecia daqueles cruéis atormentadores e dizia-lhes: *Como sois fracos! Tendes tão pouca força! Eu tinha-vos por mais valentes.* Os verdugos estavam cansados de atormentar o santo e ele não de ser atormentado. Tinham já perdido o alento e não podiam continuar o seu trabalho e Vicente estavam cheio de vigor e alegria e recuperava novas forças das suas penas, para que (como diz Sto. Agostinho) consideremos, nesta paixão, a paciência do homem e a fortaleza de Deus. Se consideramos a paciência do homem, parece incrível, se olharmos o poder de Deus não haverá espanto. Deus tomou a fraqueza do homem e, por isso, seu sangue, quando rezou no horto, por causa da atrocidade dos tormentos que se lhe representavam e, capacitou o homem com a força da sua divindade para suporte dos seus, com fortaleza e alegria. Por isso, o homem deve dar graças ao Senhor que tomou a sua fraqueza e lhe comunicou a sua força.

Assim vemos em S. Vicente que Deus armou de tão divina fortaleza e constância que os tormentos lhe pareciam dádivas, os espinhos flores, o fogo refrigério, a morte vida. Parecia que combatiam a raiva e o furor de Daciano, contra o ânimo e fervor do santo mártir: um dando-lhe castigos, o outro suportando-os, mas foi Daciano que se fatigou dos tormentos que infligia, enquanto Vicente se ria deles. Puseram-no numa cruz, estenderam-no numa cama de ferro a arder, abrasaram-lhe os lombos com pranchas acesas. Corriam rios de sangue que saíam das suas entranhas, com tanta abundância, que apagavam o fogo e a carne era consumida e os ossos escurecidos e requeimados. O prefeito mandara lançar grossos grãos de sal ao fogo, a fim de que saltando, o ferissem. E, o valoroso soldado de Cristo, como se estivesse numa cama de rosas e flores, ria-se dos que o atormentavam.

De acordo com o seu panegirista Prudêncio, São Vicente de Saragoça tinha tanta sede de martírio que ele próprio se lançou sobre o leito de ferro incandescente. Mas o seu corpo não assou. De acordo com santo Agostinho, parece que as chamas, em vez de o queimarem, endureciam, como se fora uma massa de argila, convertendo-se em ladrilho refractário.

Mas Daciano, ao ver-se assim vencido pelo santo rapaz, determinou que de novo o lançassem num cárcere muito escuro e que lançassem agudos pedaços de destroços e o arrastassem sobre eles a fim de que nenhuma parte do corpo escapasse à dor. Mas, como diz Santo Isidoro, Daciano não preparou o isolamento e a obscuridade do cárcere para atormentar S. Vicente, mas para encobrir o seu tormento e a pena que tinha de se ver vencido por ele. Aí estava o valoroso servo do Senhor, naquela cama dura e dolorosa com o corpo morto, mas o espírito vivo, preparando-se para novos martírios e novas penas.

O Senhor, olhando-o do céu quis acrescentar-lhe um novo favor, mostrando que não desampara os que nele confiam. Já lhe tinha dado constância e alegria nos tormentos e o fervoroso desejo de sofrer mais, vencendo gloriosamente nos suplícios. Mas agora presenteava-o com um maior, livrando-o deles, para espanto e confusão dos seus inimigos. Metido nos tormentos, S. Vicente desafiava o seu perseguidor: *«o que pretendes destruir é um amontoado de argila destinado a ser desfeito, mas não*

*destruirás nunca o que tem dentro de si, uma alma submetida só a Deus». (Est alter, est intrinsecus, / Violare quem nemo potest / Solique subjectus Deo).*

Regressado ao cárcere, os verdugos deitaram-no num leito de escombros de argila, para que não pudesse descansar.

Achou-se, naquela imunda e tenebrosa cela, uma luz vinda do céu, sentiu-se um perfume suavíssimo, os anjos desceram a visitar S. Vicente que viu aquela luz, sentiu aquele perfume e viu os anjos que, com celeste harmonia, o deleitavam. Perturbaram-se os guardas, julgando que S. Vicente tinha fugido do cárcere. Vendo-os assim perturbados, disse-lhes: *Não fugi, estou aqui e aqui estarei. Entrai irmãos e partilhai do gozo que Deus enviou para mim. Deste modo conhecereis como é grande o Rei que sirvo e por quem tanto tenho sofrido. E, depois de verdes, ide, da minha parte, comunicar a Daciano que prepare novos tormentos, porque eu estou são e disposto a sofrer outros maiores. Os guardas foram ter com Daciano e contaram-lhe o que estava a passar-se. Ele ficou como morto e fora de si. E, enquanto pensava o que havia de fazer, os anjos davam um concerto de música suavíssima, em doce companhia ao santo mártir, como refere Prudêncio deste modo: *Eia, mártir invencível, não temas, que já os tormentos te temem a ti e contigo perderam toda a sua força e poder. Nosso Senhor Jesus Cristo que contemplou as tuas batalhas gloriosas, quer dar-te, como herói vencedor, a coroa da glória. Deixa o despojo da fraca carne e vem, conosco, gozar a glória do Paraíso.**

Passada aquela noite, mandou Daciano que trouxessem o santo Mártir à sua presença e, vendo que a crueldade e força que usara contra ele fosse vã, quis, com astúcia e brandura tentar aquele peito invencível, que a tantos tormentos tinha resistido. E dizer-lhe: *Muitos e atrozes foram os teus tormentos, por isso irás descansar em cama fofa e perfumada e trataremos de que recuperes a saúde.* Isto não era zelo, nem caridade, nem arrependimento do tirano, mas tão só sede do sangue do mártir, pois queria curá-lo para de novo o atormentar, dar-lhe forças para que pudesse sofrer mais. Estas são as artes, como diz Santo Agostinho, que o mundo usa contra os soldados de Cristo: acarinha para enganar, amedronta para arruinar. Mas com duas coisas se vence o mundo: não se deixar levar pela ambição e vontade própria, nem se assustar com a crueldade alheia. Mas, o glorioso mártir S. Vicente, imaginando-se estendido em cama macia e obsequiada, aborrecendo mais as delícias que as penas, o favor que o tormento, entregou o espírito. Acompanhado pelos espíritos celestes, subiu aos céus e foi recebido à presença do Senhor, por quem tanto havia padecido.

Sucumbiu<sup>1</sup>, finalmente. Mas a *Passio* prosseguiu, após a morte. O cadáver de S. Vicente, privado das honras da sepultura, foi lançado aos animais ferozes, mas um corvo gigantesco cegou os lobos e as aves de rapina que se aprestaram em devorá-lo. Então Daciano fê-lo cozer a uma pele de boi e lançá-lo ao mar, na praia de Valencia, com uma pedra de moinho suspensa no pescoço a fim de que os peixes o devorassem.

Mas o corpo permaneceu à superfície da água, como se a pedra do moinho se tivesse convertido em bóia de cortiça e pôde flutuar até à praia, onde os cristãos o recolheram, para dar-lhe sepultura.

Daciano assanhou-se desmedidamente e deixando a máscara de raposa, que tinha tomado, regressou imediatamente à sua de leão. Propôs-se vingar-se do corpo do santo morto, pois que não conseguira vencê-lo em vida. Mandou lançar o sagrado corpo aos cães e às feras para que fosse despedaçado e comido e para que os cristãos não o pudessem honrar. Mas que pode todo o poder e maldade dos homens maus contra os servos daquele Senhor que, com a sua glória tão grande, defende, na vida e na morte, aqueles que torna vitoriosos, deixando os seus inimigos confundidos e vencidos? Estavam, no chão e nus, no caminho, próximo de um monte, os membros do nosso bem-aventurado, para que as aves do céu e os animais ferozes se alimentassem dele. Mas vendo uma ave de rapina sobre o santo corpo, um corvo grande, grasnando e batendo as asas, investia contra a ave atrevida, com o bico, unhas e asas e, dando-lhe tantas picadas que a afugentava. Retirava-se e, à distância, se mantinha de guarda ao santo corpo. Veio um lobo para o comer, mas o corvo o atacou, colocando-se sobre a cabeça, lhe deu tantas picadas e tantas picadas nos olhos que o fez regressar, já não a passo, ao seu covil.

---

<sup>1</sup> O texto latino da sua *Vita* enumera todos os suplícios com benevolência: «Vincentius verberitus et equuleo tortus in craticula impositus ac ferreis unguibus excarnificatus, iterum ducitur in carcerem stratum testaceis fragmentis ut ejus nudum corpus, somno oppressum, a testarum aculeis torqueretur».

Oh! Bondade imensa do Senhor que assim sabe beneficiar os seus! Oh onipotência de Deus, a quem todas as criaturas servem! Que milagre foi maior? Que o corvo trouxesse de comer a Elias ou que o corvo faminto não comesse o corpo morto de S. Vicente? E não apenas não o comesse, mas que não deixasse comer as outras aves de rapina e feras esfomeadas? Oh! Louco furor e furioso desvario de Daciano! (diz Santo Agostinho). O corvo serviu Vicente, o lobo prestou-lhe reverência, Daciano persegue-o e não tem vergonha de mostrar a sua maldade e encolerizar-se mais contra aquele que as feras, esquecendo a sua ferocidade, procuraram amparar e defender.

Sabendo o que se passava, Daciano deu gritos de louco e dizia: *Ó Vicente, ainda depois de morto, vences e teus membros nus, sem sangue e sem espírito, me declaram guerra! Não, não pode ser assim.* Voltando-se para os soldados da corte e ministros da sua crueldade, ordenou que recolhessem o corpo do santo mártir e, cozido em couro de boi, como faziam aos parricidas, o lançassem fundo no mar, para que fosse comido pelos peixes e nunca mais aparecesse. Assim pensava vencer no mar aquele que não pôde vencer na terra, como se Deus não fosse tanto Senhor de um elemento como do outro e tão poderoso nas águas como na terra. Como diz o profeta, faz tudo o que quer no céu e na terra, no mar e em todos os abismos.

Tomaram o corpo santo e os ministros, levando-o num barco, entrando no mar profundo em que não se via senão água e céu e o arrojaram àquele abismo. Regressaram contentes para terra, por terem cumprido o mandato do presidente. Mas a poderosa mão do Altíssimo que tinha recebido em seu seio o espírito de S. Vicente, tomou o corpo, no meio das ondas, para que fosse colocado no sepulcro e, com tanta facilidade e presteza o trouxe, sobre as ondas, à margem do mar.

Quando chegaram os ministros de Daciano que o haviam afogado, encontraram-no na praia, assombrados e apavorados, não ousaram tocar-lhe. As ondas do mar, suavemente, fizeram uma grinalda e cobriram o santo corpo do mártir com areia, como se lhe dessem sepultura. O santo avisou um homem que o tirasse dali e lhe desse sepultura em terra. Mas como estivesse esmorecido e receoso, por medo de Daciano, em executar o que lhe fora dito, o santo apareceu a uma boa e devota viúva, revelando-lhe o lugar onde estava o seu corpo. A mulher, varonil, executou o que não pode o homem temeroso. Vencendo com a devoção, os temores de Daciano, tomou o corpo e enterrou-o fora dos muros de Valência, numa igreja que foi, depois, dedicada ao Senhor, em honra do mártir.

Estes foram os combates e as vitórias, as coroas e os troféus do gloriosíssimo mártir S. Vicente, o qual (como diz Santo Agostinho) tendo tomado aquele vinho que torna castos e fortes os que o bebem, se opôs ao acordo com o tirano que, contra Cristo, se assanhava, e sofreu com paciência as penas e, com firmeza, se ria delas, forte a resistir e humilde quando vencia. Ele sabia que quando vencia era o Senhor que vencia e, por isso, nem as lâminas, nem as pranchas acesas, nem as frigideiras de fogo, nem o ecúleo, as unhas e os pentes de ferro, nem as espantosas forças dos atormentadores, nem a dor dos seus membros gastos, nem os rios de sangue, nem as entranhas abertas, que derretiam nas chamas, nem todos os outros requintados tormentos que lhe deram, conseguiram abrandá-lo um milímetro e sujeitá-lo à vontade de Daciano.

Então o que é isto, senão mostrar-se a fortaleza de Deus na nossa fraqueza, para que o servo de Deus, quando for necessário, ofereça a sua vida pela honra do seu Senhor e não tema a sua fraqueza, sabendo que não tem que combater, porque é Deus que combate n'Ele? E assim terminou a raiva de Daciano e a pena de Vicente, mas não terminaram a pena de Daciano e a glória de Vicente. Em que parte do mundo não se derramou e estendeu o seu perfume e a glória do seu martírio? Onde é que não ressoa o nome de S. Vicente? Quem é que ouviu falar de Daciano, sem ter lido a paixão daquele que tão gloriosamente o venceu? E quem nos pode animar e chamar a todos a imitar, senão o nosso vitorioso S. Vicente, desprezado pelo tirano, vencedor dos tormentos, triunfador da morte, do demónio e do inferno, a fim de que, participantes dos seus merecimentos, o sejamos das suas glórias e triunfos?

A representação pictórica não é difícil de determinar: a grelha é uma cópia evidente do arsenal empregue no suplício do diácono romano S. Lourenço; quanto à mó que se nega a afundar e a protecção dos despojos de um mártir por uma ave, são vulgares evocações afectuosas da hagiografia popular, que se encontram noutros exemplos, como nas legendas de S. Floriano de Lours, de santo Antolín (Antonino?) de Pamiers e santo Estanislau de Cracóvia, etc.

### **CULTO**

A popularidade e difusão do culto, deste diácono aragonês que poderia ter permanecido apenas como santo local e que compete com outros dois diáconos do martirologio, Santo

Estêvão e S. Lourenço são, de facto, surpreendente. Em primeiro lugar, tal popularidade explica-se pelo seu nome de baptismo, interpretado como símbolo de vitória e, também pelas transladações das suas relíquias (ou das pertencentes aos seus numerosos homónimos).

Para santo Agostinho e para o poeta Prudêncio, *Vincentius* é sinónimo de *vencedor*, de vitorioso: «*Venceu nos tormentos; venceu, estando morto, antes e depois do seu passamento*». Os hagiógrafos encontraram argumentos para desenvolver o tema fácil de «*Vicente, o Invencível*».

### **Lugares de culto**

San Vicente fora inumado em *Valencia*. Mas aí, mais tarde, foi eclipsado por outro homónimo, S. Vicente Ferrer<sup>2</sup>, talvez porque as suas relíquias estavam noutros lugares. Cria-se que possuíam o seu corpo, do qual havia três exemplares: um em Gaeta (ou Cortona), Itália, o segundo na abadia francesa de Saint Benoît de Castres, trasladado em 855, e o terceiro em Lisboa, Portugal, para onde teriam sido trasladadas as relíquias do santo, no século XII, em 1173.

Para dar crédito a esta terceira transladação, contava-se que o corpo de S. Vicente, ameaçado pela proximidade dos mouros, foi embarcado em Valencia, num navio que soçobrou a sul de Portugal, próximo do sagrado promontório do Algarve, que se chamou, então, *cabo S. Vicente*, e que os corvos, grasnando de aflição, acompanharam os restos mortais do santo, até à catedral de Lisboa. Depois do acontecimento, a cidade de Lisboa adoptou, como brasão, um navio que leva no mastro a imagem de S. Vicente, com dois corvos pousados, um na proa, outro na popa. A capital portuguesa manteve dois corvos, como Roma a loba e Berna o urso.

Para além dos três corpos inteiros de *Gaeta*, *Castres* e *Lisboa*, considerava-se que diversos fragmentos de relíquias do santo diácono pertenciam a outros santuários. Em 542, o rei Childeberto, depois de conquistar a cidade de Saragoça aos visigodos, levou para Paris o braço direito e a estola de S. Vicente. E, para proteger as ditas relíquias mandou edificar um mosteiro que mais tarde adoptou o nome de *Saint Germain des Prés*. O coração do santo, conservado num relicário em Dun le Roi, em Berry, foi incinerado pelos huguenotes, em 1562.

A extensão do culto de S. Vicente explica-se assim, pois que os principais centros estavam em Espanha: Saragoça, Valencia e Ávila; em Portugal, Lisboa; em Itália, Milão, e Gaeta (ou Cortona); na Suíça, a catedral de Basileia e la colegiada de Berna.

Em França, para além de Castres e Paris, as abadias beneditinas de Laon, Senlis e Metz, as catedrais de Mâcon, Chalon sur Saône, Agen, Grenoble e Viviers e ainda uma igreja paroquial de Ruão reclamavam a advocação de S. Vicente.

Parece, com efeito, defensável afirmar o culto de S. Vicente no Algarve, pelo menos, no séc. X. E, apesar da transladação das relíquias do mártir para Lisboa, em 1173, o culto deve ter permanecido, como se pode crer, a partir de um documento da chancelaria de D. Dinis, com data de 24 de Setembro de 1316, enviada ao bispo de Silves, D. Afonso Anes, em que o rei pedia a este prelado que desse cumprimento às disposições do seu falecido pai, D. Afonso III, relativas à criação de condições para acolhimento dos peregrinos que se deslocavam à “ermida de S. Vicente do cabo”. Apesar das deficientes condições de alojamento, a capela do Cabo de S. Vicente continuava, na segunda metade do séc. XIII e na primeira do séc. XIV, a ser um lugar de peregrinação. Os cristãos insistiam em perpetuá-los, mesmo que o objecto principal da sua devoção – as relíquias do mártir Vicente – tenha sido deslocado para Lisboa. D. Duarte, em Outubro de 1434, pediu ao papa Eugénio IV a permissão para fundar e dotar, no eremitério de S. Vicente, uma casa de Frades menores, com hospital. A importância que o culto do mártir ali alcançou, reflectiu-se na sua escolha para patrono da diocese do Algarve, a qual foi confirmada pela Santa Sé em 1794, a pedido do bispo D. Francisco Gomes do Avelar. Na Sé de Faro ainda

---

<sup>2</sup> A catedral de Córdoba, na Andaluzia, originalmente estava sob a advocação de S. Vicente, mas, no século VIII foi arrasada pelo califa Abd er Rahman, que edificou nesse lugar a célebre mesquita de Córdoba.

se comemora a festa de S. Vicente, com liturgia própria, igual à que é seguida pelo Patriarcado de Lisboa.

A igreja mais antiga dedicada ao santo, de que se tem conhecimento, situava-se na diocese de Braga, em Infias, como testemunham três documentos antigos do *Liber Fidei* (um do séc. IX e dois do X). Mas os primórdios dessa construção devem recuar ao séc. VII, segundo um epitáfio que se presume ter pertencido à necrópole da antiga igreja de S. Vicente de Infias, e que se conservou na reconstrução que a igreja sofreu em 1565.

No que diz respeito às dioceses do Porto e de Coimbra, constituídas por um número bastante menor de freguesias, os respectivos censuais também mencionam lugares de culto com a invocação de S. Vicente. O *Censual do Cabido da Sé do Porto* referencia uma capela e cinco igrejas e o *Censual do Cabido de Coimbra* regista igualmente cinco igrejas.

Do *Censual do Cabido da Sé do Porto* retiram-se os seguintes números, correspondentes aos oragos mais frequentes: S. Maria (37 oragos), S. Salvador (27), S. Martinho (27), S. Pedro (24), S. João (16), S. Miguel (16), S. Tiago (15), S. Mamede (12), S. André (11), S. Marinha (11), S. Eulália (8), S. Cristóvão (7), S. Vicente (6), S. Paio (5) e S. Estêvão (3).

No mesmo dia (22 de Janeiro), na Igreja Catedral do Porto, a festa do mesmo S. Vicente Mártir, a quem a dita cidade muitos anos reconheceu como Padroeiro, por gozar do rico depósito de um braço deste insigne Diácono, que o céu milagrosamente lhe quis dar. Porque levando-o por mandato de El Rei D. Afonso Henriques para a Sé de Braga, a mula em que ia, parou na dita Igreja do Porto, sem que ninguém a pudesse obrigar a dar mais um passo. Dela, prostrada diante do altar-mor, lhe tiraram o sagrado penhor e se finou subitamente, não permitindo o céu, que servisse mais em profanos usos, a que havia trazido sobre si as relíquias deste Santo Mártir.

S. Vicente foi Patrono da cidade de Porto até que lhe chegou o corpo de S. Pantaleão, Mártir de Constantinopla, pelos anos 1453. Mas, contudo, antes e depois, sempre se festejou o Santo Diácono, a 22 de Janeiro com festa dúplice e de guarda, em todo o seu Bispado, cuja relíquia se tem em grande veneração, em braço de prata na capela de Nossa Senhora da Saúde, no claustro, para onde se pensa que foi trasladada no ano 1176. Porque no mesmo, o piíssimo Rei D. Afonso Henriques, à instância de D. Godinho, Arcebispo de Braga, mandou outro braço à Sé dela, cuja translação ali se celebra, a 4 de Maio. (Cfr. Isabel Rosa Dias, Culto e Memória textual de S. Vicente, em Portugal, Faro, 2003, Universidade do Algarve)

**Actualmente, S. Vicente é o patrono de oito paróquias da diocese do Porto.**

### **Patrocínios**

Se S. Vicente, em Portugal, é patrono dos *navegantes*, em França é especialmente dos *viticultores*, a que se juntam os *comerciantes de vinho* e os *vinagreiros*. Nada, na legenda do santo justifica este patronado, para o qual se tentou procurar diversas explicações: se a data da sua festa, fixada em 22 de Janeiro, não corresponde ao tempo das vindimas, contudo corresponde a um momento crítico no cultivo da vide. Dom Guéranger oferece uma explicação litúrgica: o diácono de Saragoça teria sido eleito patrono pelos *viticultores* por causa «da função que o diácono assume no sacrifício da missa: é ele que verte o vinho que se converterá em sangue de Cristo».

A interpretação, mais naturalista, do erudito jesuíta Cahier tem maiores possibilidades de ser a verdadeira: tratar-se-ia de um jogo de palavras com o nome *Vicente* (Vincent) cuja primeira sílaba é *vinho*<sup>3</sup> e a segunda *sang* (sangue). No espírito dos iletrados o nome do santo de Saragoça não evocava a ideia de vitória mas de vinho, sangue da vide<sup>4</sup>.

Não foi preciso mais para que os viticultores de Borgonha e Champanhe o considerassem um dos seus. Em Chablis existia uma *confraria de S. Vicente* (saint Vincent).

<sup>3</sup> Em francês, Vincent: Vin - cent.

<sup>4</sup> Além disso, a expressão «cent», como epíteto, quer dizer «grande número»: *Cent fois mieux*, (cem vezes melhor) de tal modo que o nome já promete colheita abundante.

Segundo os refrões populares, quando o sol brilha, o dia da sua festa era escolhido para a poda de inverno, pela poda dos sarmentos, se chegava à conclusão de que a vindima desse ano poderia ser abundante.

**A la Saint Vincent / Le vin monte au sarment.**

(Pelo São Vicente / sobe o vinho ao sarmento)

**Saint Vincent clair et beau / Met du vin au tonneau.**

(São Vicente claro e lindo / Enche-me a cuba de vinho).

E ainda:

**Prens garde au jour de Saint Vincent. / Car si ce jour tu vois et sens / Que le soleil est clair et beau. / Nous aurons plus de vin que d'eau**

(No dia de São Vicente: / Se tu vires que se sente / Que vai o sol claro e lindo / é menos água e mais vinho).

Quando se oferecia um pãozinho dourado, com uma ampola de vinho ao santo patrono, os viticultores de Seine et Marne costumavam cantar:

**Saint Vincent, notre patron. / Protégez nos burgeons / Des brouillards et des glaçons.**

(São Vicente padroeiro / Protegei os ternos rebentos/ Da geadá e neveiro).

Também entre nós:

**S. Vicente te acrescente, / S. Mamede te levede, / S. João te faça pão, / E Deus Nosso Senhor te deite Sua divina benção.**

O mártir era querido à corporação dos *fabricantes de telhas* e telhados e construtores, porque o deitaram num leito de restos de cerâmica.

### **ICONOGRAFIA**

S. Vicente é representado como um jovem diácono o «levita», de igual modo que Santo Estêvão e S. Lourenço, envergando a *dalmática*.

Seus atributos são uma *mó de moinho* e uma *grelha*, instrumentos da sua Passio. A *grelha* de S. Vicente é diferente da de S. Lourenço, porque está eriçada com pontas de cravos. A *pedra de moinho* é atributo partilhado com S. Quirino, S. Victor de Marselha e Santa Cristina.

O *corvo* que defende o seu cadáver contra as bestas selvagens aparece no seu escudo de armas. Na qualidade de santo patrono dos navegantes, apresenta a *maqueta de um barco*. A título de patrono dos viticultores segura um cacho *de uvas*.

Na imaginária popular, vê-se a ensinar os viticultores na arte de cultivar a vide, desde a lavragem, a poda, floração, até à vindima. «*Eis como - lhes diz- enchiereis as vossas adegas.*» Às vezes, segura as tesouras ou uma podadeira. A sua mão protectora se apoia num balde (cesto) cheio de cachos ou num pipo de vinho.

### **Figuras**

**Século XIII:** Estátua na portada sul da catedral de Chartres. Debaxo dos pés de S. Vicente está o corvo que defende o seu cadáver contra um lobo.

**Século XIV:** Estátua na igreja de Saint Vincent de Carcassonne.

**Século XV:** Alabastro inglês. O santo tem como atributo a maqueta de uma caravela. Louvre.

**Século XVI:** Nicolau Chanterene. Estátua, 1517. Portada da igreja dos Jerónimos de Belém. Lisboa. - Palma Vecchio. S. Vicente em êxtase rodeado por quatro santos. Igreja de Santa Maria dell'Orto. Veneza. - Antoniazio Romano. Igreja de S. Francisco, em Montefalco. De pé, envergando a *dalmática* de diácono, S. Vicente segura um livro e barca, com dois corvos: um à proa, outro à popa. - Estátua de pedra. O santo tem, como atributo, três espadas invertidas. Igreja de Santa Madalena. Verneuil sur Avre.

### **Ciclos narrativos**

**Século XI:** Frescos da ábside da igreja de S. Vincenzo de Galiano, ao sul do Como, 1007.

**Século XII:** Baixos-relevos. Catedral de Basileia, c. 1180. O ciclo inclui oito cenas. - Relicário na igreja de S. Vicente de Ávila, 1180. - Frescos catalães da igreja de Nossa Senhora do Monte, Liesa.

**Século XIII:** Antipêndio de Treserra. Museu Episcopal de Lérida. - Vitrais das catedrais de Bourges, Chartres, Angers e da igreja de S. Vicente de Ruão - Vitral procedente do refeitório da abadia de Saint

Germain des Prés. Museu dos Claustros, Nueva York. Capa bordada de la abadía de S. Brás, na Floresta Negra.

**Século XV:** Nuno Gonçalves. Políptico de S. Vicente, encomendado em 1458 pelo rei D. Afonso para celebrar as vitórias portuguesas em Marrocos. Esses painéis que outrora decoravam a capela de S. Vicente na Catedral (Sé), foram trasladados para Museu de Lisboa. Num deles, o pintor representou as duas relíquias do santo que se conservavam na catedral: um fragmento do crânio apoiado sobre um pano quadrado de terciopelo verde e féretro aberto no qual o santo navega até às costas portuguesas. Trata-se da grande obra monumental dedicada à glorificação de S. Vicente. - Jaume Huguet. Retábulo da igreja de S. Vicente de Sarrià, Barcelona; pintado c. 1460. Os nove painéis que se conservam no Museu de Barcelona representam: a Ordenação; a visita dos anjos no cárcere; a flagelação; os suplícios, com pentes de ferro e na grelha; anjos do céu, esvaziando os seus jarros cheios de água sobre o fogo da fogueira. - Mestre de S. Jorge. Retábulo de S. Vicente na igreja de Menargueus, junto a Poblet, Catalunha. No Museu de Barcelona. - Retábulo. Igreja do Sangue, Liria. Os verdugos polvilham com sal as feridas do mártir.

**Século XVI:** Bandas de tapeçaria, encomendadas em 1515, para os espaldares dos assentos do coro da colegiada de Berna. A série reúne dezoito cenas com inscrições em latim e alemão. Museu Histórico de Berna.

#### **Cenas**

*Daciano ordena a prisão de S. Valério e S. Vicente*

Fr.: Dacien, gouverneur d'Espagne sous Diocletien, fait enchaîner Valère, évêque de Saragosse et son diacre Vincent.

**Século XIII:** Vitral procedente do refeitório da abadía de Saint Germain des Prés, originalmente dedicado a S. Vicente. Museu dos Claustros, Nova Iorque.

*A flagelação de S. Vicente*

**Século XII:** Baixo-relevo. Catedral de Basileia.

*S. Vicente na grelha*

It.: Il Santo disteso su un letto di ferro. Fr.: Saint Vincent étendu sur le grill. Ingl.: He is burn on a gridiron. Al.: Sankt Vincenz wird auf einem Rost mit Nagelspitzen gelegt; Die Folter auf dem Rost.

**Século IX:** Fresco. Igreja de San Vincenzo al Volturno.

**Século XII:** Baixo-relevo da catedral de Basileia. Dois verdugos giram-no, um terceiro aviva o fogo com um fole. - Tondo (it. rotundo, "redondo") de vitral. Igreja abacial de Saint Denis. 1145. - Pintura mural, 1105. Capela do priorado cluniacense de Berzé la Ville, en Máconnais.

**Século XVI:** Tapeçaria, 1515. Museu Histórico de Berna.

*S. Vicente deitado num leito de cascalho de argila*

Fr.: Saint Vincent étendu sur un lit de tessons. Ingl.: He is stretched on potsherds, on an ecleus.

*S. Vicente entrega a sua alma a Deus*

Fr.: Saint Vincent rend son âme à Dieu.

**Século XIV:** Breviário de Carlos V. B.N., Paris. Dois anjos acolhem a alma de S. Vicente, exalada da sua boca.

*Dois corvos protegem o cadáver de S. Vicente*

It.: Il corpo di San Vincenzo difeso di corvi. Fr.: Le cadavre de saint Vincent gardé par des corbeaux. Ingl.: The corpse of St. Vincent guarded by ravens, driving wild beasts from the martyr's body. Al.: Die Aussetzung der Leiche und die Totenwacht der Raben, Sein Leichnam wird von Raben gegen Wölfe and Raubvögel geschützt.

Dois corvos, abutres negros, montam guarda junto ao cadáver e espantam com seus grasnidos os animais necrófagos.

**Século XI:** Fresco de Galiano, próximo de Como.



**Século XII:** Capitel da igreja de Saint Lazare de Autun. Os corvos da legenda foram substituídos por duas águias que velam o corpo do mártir. – Baixo-relevo da catedral de Basileia. O cadáver está exposto no meio do campo. Os corvos impedem que as feras o devorem.

*O cadáver de S. Vicente é lançado ao mar*

It.: Il corpo del santo legato a una pietra, colato a picco nel mare. Fr.: Le cadavre de saint Vincent est submergé avec une meule au cou. Ingl.: Casting of the body of St. Vincent into the sea, He is drowned with a millstone tied around his neck. Al.: Die Versenkung der Leiche ins Meer, Sein Leichnam wird ins Meer versenkt.

**Século XIII:** Baixo-relevo do átrio sul do transepto. Catedral de Chartres. O cadáver, lançado ao mar, é devolvido à praia, pelas ondas.

*O Enterro de S. Vicente*

It.: Il corpo dei santo rigettato sulla spiaggia. Fr.: L'Ensevelissement du corps rejeté sur la plage. Al.: Die Bergung und Bestattung der Reliquiem, Sein Leichnam wird ans Land gespült.

**Século XII:** Baixo-relevo. Catedral de Basileia.

Cfr. Padre Pedro de Ribadeneyra, *Flos Sanctorum*, t. I, p. 207-6211, Barcelona 1790  
Cfr. Louis Réau, *Iconografía del arte cristiano*, t.2 vol. 5, p. 322-328, Ed. del Serval, Barcelona 2001  
Trad. composição: MA